

PODER

União Progressista nasce dividida

PP e União Brasil formalizam aliança, em Brasília, mas ainda não há consenso sobre ser ou não oposição ao governo Lula

» MILA FERREIRA

» FRANCISCO ARTUR DE LIMA

Oficializada ontem em um grande evento realizado em Brasília, a federação União Progressista (UPb) sacramentou a parceria entre o União Brasil e o Progressistas. No dia da criação, o grupo expôs divisão sobre ser ou não oposição ao governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

A cerimônia contou com a presença de governadores, prefeitos, deputados, senadores e militantes de todo o Brasil, além de lideranças de outros partidos, como o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos); o governador do Distrito Federal, Ibaneis Rocha (MDB); e o ex-governador do Ceará Ciro Gomes.

O presidente do Congresso, senador Davi Alcolumbre (União Brasil), disse que a nova federação não é contra ou a favor do governo Lula. “Não é um movimento de oposição e situação. Foi um movimento de política com ‘P’ maiúsculo com o olhar voltado para o futuro do Brasil”, argumentou. Mas os presidentes do União Brasil, Antônio Rueda, e do PP, Ciro Nogueira, afirmaram o contrário.

Atualmente, o União Brasil tem três ministros no governo: Celso Sabino, no Turismo; Waldez Góes, na Integração Nacional; e Frederico de Siqueira, nas Comunicações. O Progressistas tem André Fufuca no Esporte. Segundo lideranças da federação, os ministros devem deixar o governo Lula em breve.

“Se depender de mim e do presidente Antônio Rueda (União Brasil), nós iremos desembarcar deste governo o mais rapidamente possível, mas essa tem que ser uma decisão conjunta da bancada e do diretório. Mas pode ter certeza que não vai demorar para que isso aconteça”, frisou Ciro Nogueira. Questionado se haveria alguma discordância interna com relação à saída do governo, Ciro disse que “talvez tenha uns 5% da bancada” está querendo ficar.

“O Progressistas e o União têm uma característica, que é trabalhar com o convencimento. Nós não temos por que nos manter próximos a este governo. É um governo em que não acreditamos, que tem feito muito mal ao nosso país”, enfatizou Nogueira. “Se dependesse de mim, o Fufuca não tinha nem entrado.”

Flickr/PP



Cerimônia marcou a aliança entre PP e União, em Brasília. Integrantes de partidos de oposição compareceram em peso e fizeram discursos críticos à gestão petista

Saiba mais

O cenário de indecisão na nova federação pode render problemas no futuro em alguns estados. Em lugares como Bahia ou Paraíba, o PP faz parte da base do governo estadual, enquanto o União compõe a oposição e pretende disputar a eleição em 2026.

Essas decisões geralmente são tomadas pelos diretórios estaduais, mas, tamanho o impasse, alguns desses diretórios ficarão vagos

— caso da própria Paraíba.

O estatuto definido em convenção prevê que, em caso de conflito, a decisão em torno das candidaturas majoritárias estaduais será submetida à avaliação do diretório nacional.

Mesmo o diretório nacional passa por uma disputa de forças. Este ano, a presidência será dividida entre os presidentes do PP, Ciro Nogueira, e do União, Antônio Rueda.

Ele confessou se sentir “constrangido” com a presença de integrantes da federação na equipe de Lula. “Eu defendo que isso seja proibido terminantemente, mas isso tem que ser uma deliberação dos dois partidos”, admitiu.

Rueda, por sua vez, disse que o

próximo passo será as duas legendas chamarem convenções e comissões executivas para decidir o assunto. “O quanto antes a gente tratar disso será mais simples tocar essa federação”, argumentou.

Ter um candidato ao Planalto em 2026 é um dos objetivos, segundo

Bancadas

A federação terá a maior bancada na Câmara dos Deputados, com 109 cadeiras, e no Senado Federal, com 15 parlamentares. Além disso, contará com o maior número de governadores — no total são sete — e de prefeitos eleitos em 2024: 1.383.

Nogueira. “Eu defendo que posamos definir o mais rapidamente possível um quadro que possa nos levar à vitória. Se todas as lideranças que unimos estiverem juntas na próxima eleição, vamos ganhar com toda certeza no primeiro turno”, sustentou.

Rueda fez coro: “Esta federação nos posiciona como a maior **potência política** do Brasil, com acesso aos maiores recursos de fundo eleitoral e partidário para impulsionar todas as nossas ideias. Imaginem o impacto disso nas eleições de 2026?”. O União Progressista contará com a maior fatia do fundo eleitoral (R\$ 953,8 milhões, segundo valores de 2024) e do fundo partidário (R\$ 197,6 milhões).

Há decisões ainda a serem tomadas rumo à disputa eleitoral em 2026. De um lado, alas do PP defendem maior alinhamento ao ex-presidente Jair Bolsonaro (PL). Já o União tem um pré-candidato para a disputa pela Presidência da República no próximo ano: o governador de Goiás, Ronaldo Caiado, presente ao evento de ontem. O chefe do Executivo goiano cobrou uma posição clara da

federação. “Partido tem que ter rumo, partido tem que voz clara. É preciso que o partido lance candidato, tenha posição clara e que a posição é derrotar Lula na eleição de 2026. Não tem opção”, disse. Ele também ressaltou que a direita não precisa depender de Bolsonaro para decidir a escolha do candidato de oposição a Lula.

A noite, em jantar de governadores e líderes partidários, também em Brasília, o presidente do PL, Valdemar Costa Neto, rebateu Caiado. “Vai estar todo mundo unido (direita), unido no ano que vem. Ninguém quer perder eleição, e nós não estamos enfrentando um cidadão inexperiente”, afirmou. “Isso (a união) deixa claro para a população que a centro-direita está definitivamente ciente da sua responsabilidade e que nós vamos para o processo 2026 para ganhar as eleições do PT e do Lula.” (Com Agência Estado)

Redes sociais



Ibaneis disse confiar em um novo cenário para o Brasil a partir de 2026

Ibaneis e Celina elogiam a nova federação

O governador do Distrito Federal, Ibaneis Rocha, (MDB) e a vice-governadora Celina Leão (Progressistas) marcaram presença na cerimônia que selou a aliança entre PP e União Brasil. Eles destacaram a importância de ambas as legendas para a chegada ao comando do governo do DF.

“Tive apoio do Ciro Nogueira, que colocou a Celina ao meu lado. Não é à toa que hoje nós devolvemos a ela essa gratidão com todo apoio à candidatura dela ao governo do DF”, declarou.

Aplaudido por militantes presentes no local, Ibaneis disse

confiar nas lideranças da federação para “construir uma saída democrática para o Brasil”. “O que vivemos hoje não é uma plena democracia, é um pouco de ditadura com uma pitada do Judiciário e uma necessidade de se avançar nos grandes temas da nação”, frisou. “Os problemas hoje são graves, são sérios, e o extremismo político não está permitindo soluções reais”, emendou.

Ibaneis afirmou esperar um novo cenário para o Brasil a partir de 2026. “Eu acredito, sim, que a gente vai sair disso, mas depois das eleições de 2026, construindo depois

um futuro para esse país que possa pacificar a nação e não viver de extremos, como nós estamos vivendo hoje”, ressaltou.

Maturidade

Já Celina Leão enfatizou que “a criação da federação demonstra maturidade de dois partidos que dialogaram e discutiram muito”. “Eu acredito que essa federação vai mudar a cara do Brasil, porque hoje ela se torna a maior força política do país”, sustentou.

Presidente do União Brasil do DF e suplente da senadora

Damares Alves (Republicanos), Manoel Arruda afirmou que as duas legendas vão trabalhar para ampliar a representação na Câmara Legislativa (CLDF) e no Congresso Nacional em 2026.

“Hoje, temos três (deputados distritais). A ideia é eleger entre quatro e cinco em 2026”, disse Manoel Arruda, referindo-se aos deputados Eduardo Pedrosa (União Brasil), Daniel de Castro (Progressistas) e Pepa (Progressistas). “Queremos eleger pelo menos dois deputados federais e a nossa maioria Celina Leão”, completou. (MF)

Célio Messias/Governo do Estado de SP



Tarcísio defendeu “entregar algumas vitórias” aos EUA; Gleisi afirmou que soberania não se dá de presente

Marcelo Camargo/Agência Brasil



Gleisi defende soberania

A ministra de Relações Institucionais, Gleisi Hoffmann, criticou o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas, por ter dito que o Brasil deveria “entregar algumas vitórias” ao presidente dos Estados Unidos, Donald Trump. Ele se referiu ao tarifaço imposto pelo republicano ao país, supostamente para suspender o processo no Supremo Tribunal Federal (STF) contra o ex-presidente Jair Bolsonaro, réu por tentativa de golpe de Estado.

“Governador Tarcísio precisa entender que a soberania nacional não é algo para “dar de presente”, como ele acha que o presidente Lula deveria fazer diante da chantagem de Bolsonaro e Trump”, escreveu Gleisi Hoffmann nas redes sociais. “Quanto mais se encontra com bilionários e banqueiros, mais distante Tarcísio vai ficando dos interesses do país e da população”, acrescentou.

Na segunda-feira, Tarcísio afirmou que Trump quer “coleccionar vitórias” e que o Brasil pode entregar e colher vitórias, reduzindo tarifas, de modo que faz sentido buscar a negociação sobre o tarifaço.

“Acho que é fundamental compreender um pouco do estilo do presidente americano. É um presidente que vive da economia da atenção. Que gosta de sentar com o chefe de Estado, botar um chefe de Estado sentado lá dentro e dizer: ‘Olha, consegui uma vitória!’ E ele está querendo coleccionar vitórias. Ele quer. Então, por que não entregar algumas vitórias?”, defendeu, durante o evento Warren Day, em São Paulo.

Tarcísio afirmou que se o Brasil conseguir reduzir, ou até retirar a tarifa adicional, seria uma vitória importante que asseguraria ao país “mercado, que vai garantir emprego, que vai nos permitir abreviar essas medidas emergenciais”.

O governador avaliou que a questão do tarifaço vai ser resolvida no médio e longo prazos, ponderando que “talvez haja escalada no curto prazo”. Ele reforçou, contudo, que é fundamental estabelecer um canal de diálogo, que haja insistência para resolver o conflito. “Obviamente a gente tem que forçar a barra agora para falar, negociar. Eu acho que não é humilhação para ninguém, para nenhum chefe de Estado”, disse.

Segundo Tarcísio, o tarifaço é algo extremamente deletério: “Nunca vi tarifa proteger ninguém. Tarifa, no final, quanto mais você fecha o mercado, mais prejudicial isso é para o país, para as empresas”, frisou.

Ele mencionou, ainda, que o efeito da sobretaxa americana sobre os setores de pneus, café e máquinas preocupa, enquanto outros segmentos estão resolvendo suas questões.